

***DESENVOLVIMENTO, MEIO AMBIENTE E
RECURSOS NATURAIS
GA-128***

Vívian Furquim Scaleante

VIVÊNCIAS DE SENSIBILIDADE

Campinas - SP, agosto de 2005

***DESENVOLVIMENTO, MEIO AMBIENTE E
RECURSOS NATURAIS
GA-128***

Vívian Furquim Scaleante

VIVÊNCIAS DE SENSIBILIDADE

Trabalho de conclusão de disciplina do curso IG/UNICAMP, sob orientação da Prof^a Dr^a Rachel Negrão Cavalcanti.

Campinas - SP, agosto de 2005



"Devemos novamente despertar para o fato de que a qualidade de vida está baseada no desenvolvimento das relações humanas, criatividade, expressão artística e cultural, espiritualidade, respeito ao mundo natural e celebração da vida, não dependendo do crescente consumo de bens materiais supérfluos."

(Tratado das ONG's, ECO/92)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. DESENVOLVIMENTO.....	05
2.1 RETRATO DA BACIA DO RIBEIRÃO DAS ANHUMAS.....	05
2.2 RETRATO DO MÉDIO ANHUMAS.....	06
3. VIVÊNCIAS.....	10
1ª Localização no espaço.....	11
2ª Erosão e assoreamento do rio.....	11
3ª Alagamento.....	13
4ª Teia da Vida.....	14
5ª O lixo sumiu!!!.....	15
6ª União para um mundo melhor!.....	16
7ª Ouvindo os cavalos!.....	19
4. CONCLUSÃO.....	21
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
6. ANEXOS.....	26
6.1 PROCESSO DE CONFECÇÃO DAS MAQUETES.....	26
6.3 ÉGUA MALTRATADA É SALVA.....	27

1. INTRODUÇÃO

Em razão de minhas atividades de fotógrafa, publicitária e responsável pelo tratamento dos documentos¹ no Projeto Anhumas², que tem como objetivo principal realizar a recuperação da área da bacia do ribeirão das Anhumas através de políticas públicas que estabeleçam a interação comunidade-poder público de maneira mais eficaz e, principalmente, com bases comunitárias, iniciei o curso “Desenvolvimento, meio ambiente e recursos naturais”.

A primeira idéia era me aprofundar em conhecimentos teóricos para realizar meu trabalho com um direcionamento inovador, contribuindo com o processo evolutivo e de amadurecimento sócio-político da população que reside às margens do ribeirão.

O curso, que abordou a crise do sistema racional ocidental, a falência do pensamento criativo e a degradação ambiental em escala planetária, superou todas as minhas expectativas, oferecendo condições para pensar inúmeras possibilidades de ação.

Como a educação formal em nossos dias encontra-se ultrapassada e não acompanha a evolução de outras áreas de conhecimento da sociedade moderna, há carência absoluta em termos de relacionar o que se vê na escola com os fatos reais. Isso acontece não apenas nas séries iniciais, mas se repete ao longo de toda uma vida, haja vista problemas sérios de falta de visão de planejamento urbano, por exemplo.

Com o objetivo de minimizar essa lacuna e atender às metas estabelecidas no Projeto Anhumas, ficaram claras para mim a necessidade e a oportunidade de construir maquetes para transmitir noções básicas que levem a uma relação harmoniosa com a natureza, além de proporcionar vivências para despertar a sensibilidade, a intuição e os valores que nossa sociedade não reconhece como essenciais.

O trecho médio da bacia do ribeirão das Anhumas foi escolhido para a aplicação deste “experimental vivendo”, pois apresenta as piores condições de vida de toda a área.

¹ Bolsista da FAPESP (Treinamento Técnico), sob orientação técnica da Prof^a Dr^a Miriam Paula Manini, professora do curso de Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UnB.

² Projeto Anhumas: designação simplificada do projeto “Recuperação ambiental, participação e poder público: uma experiência em Campinas”, que envolve três entidades, Universidade Estadual de Campinas, Prefeitura Municipal de Campinas e Instituto Agrônomo de Campinas, tendo como coordenadores os Professores Drs. Archimedes Perez Filho; Maria Conceição da Costa.e Roseli B. Torres.

2. DESENVOLVIMENTO

Tendo em vista que este trabalho é parte complementar de minhas atividades no Projeto Anhumas, farei um breve relato a seu respeito e da área que privilegiei para aplicação das vivências.

2.1 RETRATO DA BACIA DO RIBEIRÃO DAS ANHUMAS

O município de Campinas está dividido em sete macrozonas para fins de planejamento administrativo. Dentre elas, a macrozona 4 é uma área de urbanização consolidada, adensada, abrangendo toda a região central da cidade, e concentrando o maior número de atividades urbanas do município. De acordo com o senso demográfico de 1991 (Prefeitura Municipal de Campinas, 1995), a população desta macrozona era de aproximadamente 600 mil pessoas, ou quase 70% da população do município, com mais de 7% de favelados, o que representava 61% da população favelada de Campinas. A região é cortada por córregos e ribeirões que drenam para as duas bacias hidrográficas que atravessam o município, as bacias dos rios Atibaia e Capivari. A bacia do ribeirão das Anhumas, afluente do rio Atibaia, corta o município no sentido norte/sul e tem quase 50% de sua área localizada no perímetro urbano, apresentando uma série de impactos que degradam seus afluentes, suas margens e os fundos de vale. O Anhumas apresenta vários pontos de inundação, desde as suas nascentes até a passagem sob a rodovia D. Pedro I, com um trecho crítico na altura da rua Moscou, devido à ocupação das suas áreas de várzea.

Nesta bacia localiza-se uma ocupação urbana das mais antigas do município. Aí está toda a região central da cidade, com áreas residenciais, de comércio e de serviços, situando-se especialmente sobre as nascentes dos córregos que formam o ribeirão das Anhumas. Cerca de 40% da área da bacia encontra-se densamente urbanizada. Nascentes e córregos, no alto curso da bacia, encontram-se aterrados ou canalizados, sem suas áreas de proteção permanente (APPs). As áreas de baixada, várzeas naturais do ribeirão, encontram-se ocupadas principalmente por uma população de baixa renda, que sofre anualmente os efeitos do período chuvoso. Na área rural, que está sob grande pressão de urbanização, a situação de degradação ambiental também é grande.

Como resultado dessa ocupação predatória das áreas rurais e urbanas, restaram menos de 3% do território ainda com vegetação nativa remanescente em Campinas, com grande parte na Mata de Santa Genebra e outros pequenos “centros verdes” sem conexão entre si.

No trecho urbano da bacia, além da ocupação das várzeas, da ausência das áreas de preservação ao longo das margens dos córregos e das nascentes, outros problemas podem ser acrescentados: despejo de esgoto sem tratamento nos corpos d’água, inúmeras fontes de poluição, depósitos clandestinos de entulho e muito lixo. Grande parte do lixo jogado nas margens e dentro do ribeirão das Anhumas é originária das próprias pessoas que ali vivem.

Em um primeiro mapeamento da área realizado pelo Projeto Anhumas, foram elaborados mapas e tabelas com informações sobre tipos de habitação, renda, faixa etária, taxa de crescimento da população, entre outras informações. Com esses dados, a bacia foi dividida em 3 grandes áreas: Alto, Médio e Baixo Anhumas. Em sua dissertação de mestrado, Briguenti (2005) constatou que no baixo curso existem as melhores condições de vida (região de Barão Geraldo), enquanto as piores se encontram em sua parte média (região do Taquaral), o que foi confirmado através de observações feitas em caminhadas, mutirão para recolhimento de lixo, reuniões com as comunidades, estudos de campo realizados por professores e alunos da UNICAMP, entre outras atividades na bacia.

2.2 RETRATO DO MÉDIO ANHUMAS

O Médio Anhumas possui cerca de 6,5% da área da bacia cobertos por arruamentos e estradas. Sua densidade demográfica é de 100 habitantes por km². Esta região é composta pelos bairros: Vila Nogueira, Vila 31 de Março, Jardim Santana, Jardim São Quirino, Jardim Nilópolis, Parque Imperador, Residencial Vila Verde (condomínio fechado), Jardim Myriam, Parque Taquaral, Vila Brandina, Jardim Conceição, Jardim Madalena, Jardim Boa Esperança, entre outros. As favelas localizadas na área, constantes do projeto de regularização da SEHAB/COHAB, denominam-se: Nilópolis, Gênese, Independência, Cafezinho, Jardim Novo Horizonte, Getúlio Vargas, Parque São Quirino-rua Moscou e rua Dona Luiza de Gusmão, Parque Social Isa, Vila Nogueira, Jardim Líria, Guaraçaí, Vila Dália, Novo Flamboyant, Vila Brandina I, Vila Brandina II, Buraco do Sapo etc.

Esta área também corresponde às piores condições ambientais da bacia (Briguenti, 2005).

Após a confluência dos córregos Proença e Orosimbo Maia, que formam o Anhumas, localiza-se uma das áreas de risco ocupada. A ocupação, às margens do Anhumas, com cerca de 531 famílias, recebe o nome de favela Guaraçaí, na rua Natividade, Jardim Flamboyant (próximo à Escola Americana). Para solucionar o problema dessa população ribeirinha, a COHAB (empresa construtora privada), em parceria com a SEHAB (Secretaria de Habitação da Prefeitura de Campinas), vem desenvolvendo projetos de planejamento de uso do solo urbano através de desocupação e realocação da população para outros bairros, sendo que o mesmo tem sido implantado na região da rua Moscou. Entretanto, uma parte dessa população acaba voltando para essas áreas de risco. A jusante desse trecho, encontram-se os condomínios Guararapes (margem esquerda) e Marcondes Filho (margem direita), ambos ocupados por residentes de classe média: *“(...) na margem esquerda do ribeirão, encontra-se a foz da lagoa do Taquaral. O córrego que passa pela lagoa do Taquaral vem da Vila Nova, onde há muitas nascentes, e desce pela avenida Imperatriz Leopoldina por galerias de águas subterrâneas. Depois da lagoa do Taquaral está a praça Arautos da Paz já com suas obras de reestruturação finalizadas. Uma das áreas mais atingidas pelas enchentes localiza-se a jusante dessa praça, em área ao longo da rua Dona Luiza de Gusmão e rua Moscou. As ruas estão localizadas respectivamente na Vila Nogueira e no Parque São Quirino. Este conjunto de ocupações ao longo da margem esquerda do ribeirão é conhecido como favela Moscou, apesar de possuir distinções nominais entre os moradores locais. Em tal área há uma grande concentração de moradores, com muitas residências próximas às margens do ribeirão. O conjunto de ocupações começa ao longo da rua Dona Luiza de Gusmão e vai até a ocupação denominada Gênesis, próximo à rodovia Dom Pedro totalizando cerca de 800 famílias”* (Briguenti 2005).

Entre as áreas que perfazem a bacia do Anhumas, esta região é a que mais sofre com as enchentes e a que tem o maior número de favelas localizadas às margens do ribeirão (Tubão, Gusmão, Moscou, Pichão, Escorpião, Dom Bosco, Gênesis, Cafezinho, Independência etc). Embora as favelas tenham representações junto à Prefeitura de Campinas através do Orçamento Participativo e ótima atuação político-partidária (remanescente de uma facção da Igreja Católica, denominada Assembléia do Povo), os problemas encontrados são os mais graves e de mais difícil resolução.

A comunidade ribeirinha do local possui baixa renda e muitas pessoas dependem de animais de tração para garantir a sobrevivência de sua família. Isso se conclui a partir da observação de significativa quantidade de cavalos e burros vivendo próximo dos barracos à beira do rio. Essas pessoas, imersas em um sistema racional ocidental, sem acesso a informações diferentes, consideram

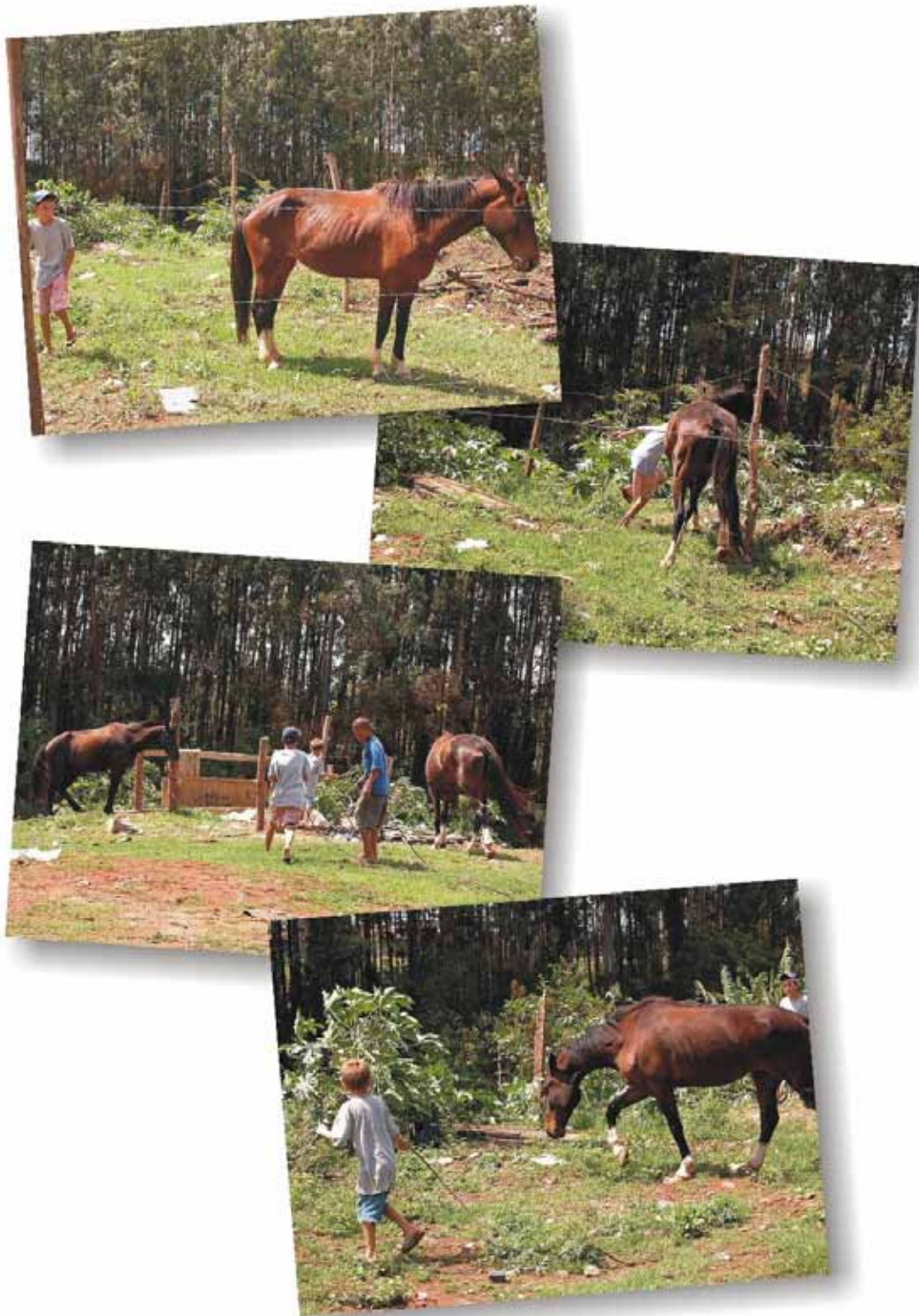
natural tratar seus animais com descaso e muitas vezes com crueldade. Um caso concreto divulgado pela mídia se vê em reportagens de jornal no Anexo nº 6.3.

Também as fotos abaixo, da rua Moscou, retratam tanto as más condições em que vivem os cavalos, quanto os maus-tratos dispensados por crianças aos animais, reproduzindo o comportamento de seus pais e de outros adultos do lugar.

Em vista dessa carência observada sob vários aspectos, o Médio Anhumas foi escolhido para as vivências propostas neste trabalho.



Fotografias: Vívian Furquim Scaleante (rua Moscou 16/10/2004)



Fotografias: Vívian Furquim Scaleante (rua Moscou 16/10/2004)

3. VIVÊNCIAS

O público-alvo destas atividades será composto por crianças de 10 a 13 anos de idade.

As vivências serão realizadas no Rancho das Colinas, em Souza, porque envolvem relacionamento com animais e requerem um espaço tranquilo e agradável para favorecer um encontro consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Além disso, cavalos atuam diretamente em uma das atividades como facilitadores para despertar os bons sentimentos que geralmente estão adormecidos nas pessoas.



Fotografias: Vívian Furquim Scaleante (Rancho das Colinas – Souza)

Serão abordadas nessas práticas questões de âmbito global que são vividas, mas não suficientemente introjetadas na rotina diária de cada indivíduo, e o pensamento sistêmico - teia inseparável de relações que permeia todo o mundo vivo. Atividades que serão desenvolvidas: orientação geográfica, importância da cobertura vegetal nas margens dos rios para se evitar erosão e assoreamento, consequências das construções na beira do rio e lixo.

Também serão trabalhados e explorados valores e qualidades essenciais de cada indivíduo, como sensibilidade, humildade, flexibilidade, silêncio, criatividade, quebra de paradigmas e igualdade espiritual perante a natureza.

Para proporcionar um ambiente mais tranquilo, livre de tensão e estresse desencadeados pelos acontecimentos do dia-a-dia, serão utilizados incensos com aromas de natureza, equipamentos didáticos de projeção de imagens e sons e, em alguns momentos, aproveitados sons de floresta e músicas clássicas.

1ª Localização no espaço

Para iniciar a seqüência de exercícios com o grupo, a primeira atividade tem como objetivo ajudar as crianças a se localizarem no espaço, com utilização de um globo terrestre e diversos mapas. Primeiramente será apresentado o globo e, na seqüência, os mapas em escalas cada vez maiores. Serão focalizados o continente americano, o Brasil, o estado de São Paulo, Campinas e, por fim, a bacia do ribeirão das Anhumas, com destaque para o bairro da comunidade envolvida no trabalho. Após visualizarem exatamente onde se encontram, volta-se à referência do planeta Terra, para uma visão sistêmica. Durante a atividade, a equipe de monitores destacará a importância de se analisar o planeta como um todo, ressaltando suas redes de relações e interdependências. A orientação dos mediadores é imprescindível para direcionar o exercício de acordo com os objetivos propostos.

2ª Erosão e assoreamento do rio

Serão trabalhados em maquete o mau uso do solo e a degradação de uma bacia hidrográfica. Desmatamentos em terrenos com declividade acentuada e efeitos das águas de chuva provocam erosão e assoreamento dos rios, culminando em grandes inundações e problemas de todas as espécies (enchentes, enxurradas fortes que carregam até casas etc).

Uma caixa plástica e um pedaço de bambu cortado ao meio em forma de canal representarão um curso d'água em um fundo de vale com suas margens em rampa. Uma das margens mostrará o solo nu, desmatado, sem qualquer tipo de vegetação. A outra margem, com gramíneas, representará o solo recoberto com vegetação e protegido pelas raízes das plantas.

O canal feito de bambu no centro figurará como um rio, e a água circulará com ajuda de uma pequena bomba.

Uma garrafa PET cheia de água terá sua tampa com vários furinhos para simulação de chuva. As próprias crianças deixarão cair gotas de água sobre as duas margens, uma com terra e outra com grama. O solo sem vegetação será erodido e a “enxurrada” transportará o material para dentro do rio causando assoreamento, enquanto a outra superfície permanecerá intacta.



Fotografias: Vívian Furquim Scaleante (Profª Drª Rachel Negrão 29/08/2005)

Novamente, com auxílio do globo terrestre e dos mapas de pequena escala que possibilitam uma visão mais geral, os monitores explicarão que o fenômeno provocado na maquete se reproduz na realidade dos diversos lugares do planeta, ocasionando catástrofes e distúrbios nos ecossistemas: enchentes, desvios dos leitos dos rios, eliminação dos *habitats* onde residem milhões de espécies e muitos outros efeitos negativos.

Durante a demonstração será explicado que os processos estão interconectados e a mudança em um componente pode se propagar por todo o sistema, apesar das ilusórias separações em termos de espaço e tempo. A máxima do pensar globalmente e agir localmente se aplica aqui e, se cada um fizer a sua parte, por menor que seja, ela acarretará conseqüências positivas ou negativas sobre o sistema inteiro.

“A civilização humana caracteriza-se pela modificação do meio-ambiente, mas até muito recentemente, não alterávamos profundamente o planeta como um todo”. (SIMON, 1992)

3ª Alagamento

Em maquete semelhante à anterior, com a diferença de possuir as margens do rio planas, será simulada uma situação de alagamento, por águas de chuva, das casas construídas próximas ao leito do rio.

Aproveitar-se-á esta vivência para explicar os ciclos naturais de estiagem e chuvas. Esta é uma questão que se deve levar em consideração quanto ao local para construir uma casa. No período de seca, as pessoas vêem os arredores do rio como sendo um lugar perfeito para se morar, plano, com água por perto. No entanto, elas se esquecem de que também chegará o tempo das chuvas e o nível d'água do rio se elevará, destruindo e carregando tudo o que estiver ao seu alcance.



Fotografias: Vívian Furquim Scaleante (Rachel Negrão à esquerda, Regina Camargo ao fundo e Marina Strachman à direita 29/08/2005)

4ª Teia da Vida

Distribuem-se para as crianças em pé, dispostas em círculo, cartões com uma palavra escrita em cada um: árvore, fungo, rio, peixe, urubu, flor, grama, homem, lavoura, onça, capivara, pica-pau.... (vários tipos de vegetais; animais herbívoros, carnívoros e decompositores).

Com um rolo de barbante começa-se a teia. Os cartões ficam expostos de maneira que todos possam ler. Uma criança segura a ponta do barbante, passando o rolo para outra, explicando qual a relação que a sua palavra tem com a dela. Uma teia se formará entre as crianças até o final da brincadeira. Um dos monitores simulará uma interferência negativa em uma das partes como, por exemplo, cortar a árvore. A criança que está segurando o papel escrito “árvore” soltará o barbante. Então, outras crianças relacionadas com aquela árvore também deverão largar o fio, pois dependiam dela para existir. A teia se desmantelará e o barbante cairá no chão, comprovando a rede inseparável de relações entre as partes e suas interdependências.

“Os sistemas vivos são totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às de partes menores. Suas propriedades essenciais, ou “sistêmicas”, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das “relações de organização” das partes – isto é, de uma configuração de relações ordenadas que é característica dessa determinada classe de organismos ou sistemas. As propriedades sistêmicas são destruídas quando um sistema é dissecado em elementos isolados” (Capra, 1996)

5ª O lixo sumiu!!!

Antes de iniciar esta prática é fundamental que as crianças conheçam algumas noções básicas sobre o lixo: lixo é basicamente todo e qualquer resíduo sólido proveniente das atividades humanas ou gerado pela natureza em aglomerações urbanas. No entanto, o conceito mais atual é o de que o lixo é aquilo que ninguém quer ou que não tem valor comercial. Neste caso, pouca coisa jogada fora pode ser chamada de lixo. É importante lembrar que o lixo que geramos é apenas uma pequena parte da enorme quantidade produzida todos os dias, composta por resíduos industriais, de construção civil, de mineração, de agricultura e outros.

Tudo gera lixo. Mas não devemos esquecer que todo lixo precisa ser separado e coletado, reaproveitado ou reciclado antes de ser devidamente descartado.

Depois da breve introdução sobre o lixo, um saco com diversos tipos de lixo como plástico, papel reciclável, papel absorvente, matéria orgânica, metal, vidro, será entregue para as crianças para que elas separem em:

- **RECICLÁVEL:** papel (plastificado, metalizado, jornal, revista, folha de caderno, embalagens de produtos), vidro (copo, garrafa, recipientes em geral), metal (lata de alumínio “refrigerante”, lata de óleo, leite em pó) e plástico (embalagem de refrigerante, canos e tubos, saco plástico, copos, embalagens com mistura de papel, plástico e metal, embalagens de biscoitos e salgadinhos);
- **NÃO RECICLÁVEL:** papel (sanitário, sujo, guardanapo, bituca de cigarro, fotografia, fita adesiva, papel carbono), vidro (espelho, lâmpada, porcelana, cerâmica), metal (clipes, grampos, esponja de aço, canos);
- **MATÉRIA ORGÂNICA:** restos de comida, cascas de frutas, sementes, folhas etc.

Todos irão observar que os diferentes tipos de lixo terão destinos diferentes do comum aterro, para onde eram levados anteriormente. E perceberão que práticas simples podem ter grande

importância na preservação do meio ambiente e melhoria da qualidade de vida, também reduzindo a poluição acumulada no planeta.

A atividade continua com explicações rápidas sobre os conceitos de Redução, Reutilização e Reciclagem de lixo. Os três “R”:

Reduzir - consumir menos e melhor, racionalizando o uso de materiais no nosso cotidiano;

Reutilizar - antes de descartar, usando os variados produtos para a mesma função original ou criando novas formas de utilização;

Reciclar - retornar o lixo ao ciclo da produção, seja ela industrial, agrícola ou artesanal.

Pronto! Hora do lanche! Todos irão comer, observar o que sobrou, classificar se realmente é lixo e separar no lugar adequado.

“Os perigos são mais pronunciados no mundo em desenvolvimento onde entre um terço e metade do lixo não é coletado. Pilhas descobertas de lixo atraem ratos e moscas portadores de doenças e muitas vezes escorrem para os canais de drenagem, onde contribuem para as inundações e doenças veiculadas pela água” (O’Meara, 1999).

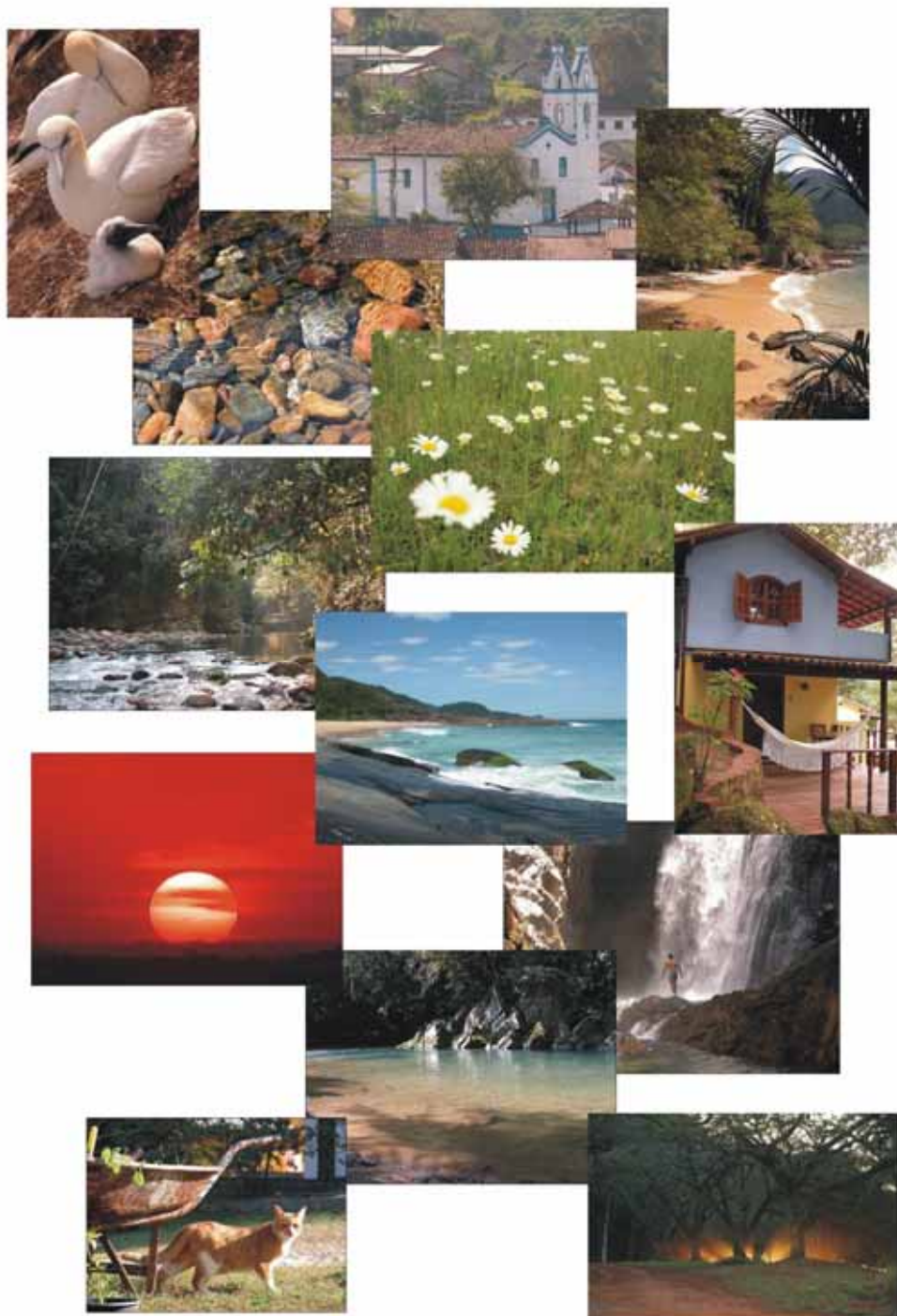
Esta vivência visa à melhoria da qualidade de vida, introduzindo conceitos de que tudo o que é reciclável não é lixo. Também pretende sensibilizar os moradores para a separação de seu lixo doméstico, levando à formação de cooperativas de reciclagem com a finalidade de geração de renda.

6ª União para um mundo melhor!

Serão dispostas no chão fotografias com imagens agradáveis juntamente com imagens que retratem uma realidade oposta. Como exemplo de imagens desagradáveis, selecionou-se fotos da bacia do ribeirão das Anhumas como rio poluído, lixo nas ruas, animais doentes e maltratados, submoradias etc. Será proposto às crianças que elas observem as fotografias e, juntas, escolham uma para representar a sua casa, outra para representar a sua escola, entre outros componentes do universo em que vivem. Depois disso, elas deverão colocar ao redor de “sua casa”, no “caminho até sua escola”, no “trajeto até a casa da vovó”, as fotografias que elas gostariam que fizessem parte de seu cotidiano. Com certeza serão selecionadas fotografias com imagens bonitas, flores viçosas, rios límpidos, animais saudáveis. Neste momento, o monitor dirá que aquele espaço de vivência que elas montaram se apresenta realmente lindo! Porém, restaram as fotos com imagens desagradáveis, comprovando que há

peças vivendo ali também, pois são imagens reais. As coisas boas e belas ficaram para uns, mas não para outros.

Algumas fotografias para exemplificar as imagens agradáveis e desagradáveis:



Fotografias: Vívian Furquim Scaleante



Fotografias: Vívian Furquim Scaleante (bacia do ribeirão das Anhumas)

Reflexão: se eu quero tudo de bom para mim, as outras pessoas também desejarão coisas boas para si, e juntos podemos fazer acontecer uma vida melhor para todos.

Espera-se: que as crianças considerem correto que TODOS tenham o mesmo direito a um ambiente bonito, limpo e agradável.

Atitude: discussão sobre COMO conseguir isso (formação de grupos de planejamento, de ajuda, de estudo – enfim, UNIR-SE!).

“Houve também em todo o mundo um aumento da conscientização ambiental e um reconhecimento cada vez maior de que nem os indivíduos nem as nações podem resolver seus problemas sozinhos, de que precisamos uns dos outros. Para mim, tudo isso são avanços encorajadores que decerto terão conseqüências de grande projeção. Um outro fato que muito me estimula é que, seja qual for o método de implementação, ao menos já se admite claramente a necessidade de buscar soluções não-violentas para os conflitos dentro de um espírito reconciliador. Há também, como já observamos, uma aceitação crescente da universalidade dos direitos humanos e da necessidade de admitir a diversidade em áreas de importância comum, como a das questões religiosas, por exemplo. Acredito que isso reflete a percepção de que é imprescindível ampliar a perspectiva devido à diversidade da própria família humana. Como resultado de todas essas coisas, e apesar do sofrimento que continua sendo imposto a pessoas e povos em nome de ideologias, de religiões, do progresso, do desenvolvimento ou da economia, uma nova esperança está surgindo para os oprimidos. Não há dúvida de que será difícil produzir paz e harmonia genuínas, mas percebe-se nitidamente que isso pode ser feito. O potencial está aí. E seu fundamento é a noção da responsabilidade de cada indivíduo por todos os outros.” (Dalai Lama, 2000).

7ª Ouvindo os cavalos!

O conjunto de todas essas vivências tem como essência despertar sensibilidade, compaixão e espiritualidade nessas “pessoinhas” que, de certa forma, são responsáveis pelo futuro do mundo. Dessa maneira, “ouvindo os cavalos” é uma das experiências que considero de maior importância para se atingir este objetivo.

Tradicionalmente, o homem estabeleceu uma relação de poder sobre o cavalo, obrigando-o a fazer o que ele quer através da brutalidade (dar tapas, chutes, pancadas, pauladas, amarrar...). O animal, sem qualquer opção perante este ser tão agressivo, depois de muito apanhar, humilha-se e se submete a esses absurdos maus-tratos.

Proponho nesta vivência um relacionamento de amor com os cavalos, para que possamos também aprender com eles: seres especiais, puros, espiritualmente evoluídos.

Entrarei com um cavalo dentro de um redondel (cercado em forma de círculo com mais ou menos 16 metros de diâmetro) para estabelecer uma “conjunção” e mostrar para as crianças que os cavalos podem decidir estar comigo porque confiam em mim. A confiança se cria por meio de muitas trocas e o vínculo mútuo surge quando as duas partes confiam uma na outra e reconhecem as necessidades recíprocas. Neste momento o animal tem clareza de que perto de mim ele estará seguro e opta por estar junto de mim.

Espera-se que após esta vivência a criança tenha maior consciência de suas responsabilidades para com os cavalos e, por extensão, para com outros animais. E também perceba o quanto é gratificante este relacionamento.

O método de doma natural foi idealizado pelo norte-americano Monty Roberts. Para conhecer mais a respeito, leia o livro indicado na bibliografia.

“Durante séculos, os humanos disseram aos cavalos: faça o que eu mando ou eu te ferirei. Os humanos ainda dizem isso uns para os outros, ainda ameaçam, forçam e intimidam. Estou convencido que minha descoberta com cavalos também se aplica no trabalho, na escola, em sistemas de punição e na educação de crianças. No fundo, eu estou dizendo que ninguém tem o direito de dizer “você deve” para um animal ou para outro humano.”

“Não existe o ensinar, somente o aprender. Nenhum professor pode empurrar informações em um cérebro pouco disposto”.

“Os cavalos estão falando - apenas escute”.

“Se você não tem medo de cavalos e acredita que este método funciona, você poderá utilizá-lo”

(Monty Roberts, 2001)



Fotografia: Vívian Furquim Scaleante (Oscar, treinador – Universidade do Cavalo – Sorocaba 11/12/2004)

“Respeite os animais e as crianças, que são seres superiores, embora a maioria das pessoas não saiba”. (Oscarlina Ap, 2005)

“Chegará o dia em que o homem conhecerá o íntimo dos animais. Nesse dia, um crime contra um animal será um crime contra a humanidade”. (Leonardo da Vinci)

4. CONCLUSÃO

Pretendo aplicar este projeto que estimula principalmente a sensibilidade, tocando cada criança no mais profundo do seu ser, pois *“A necessidade de transcendência refere-se ao nível mais alto de funcionamento humano, onde o indivíduo pensa e age com o propósito de beneficiar a humanidade e de se integrar na harmonia do cosmo. Este nível envolve o desenvolvimento de capacidades pré-conscientes e inconscientes, tais como a intuição e a percepção extra-sensorial”.*

(Solange M. Wechsler, 2002)

Embora tenha escolhido a média bacia do ribeirão das Anhumas para desenvolver esta minha pesquisa, o mesmo modelo de trabalho pode ser aplicado em toda a área, inclusive se estendendo a outras regiões.

Estas vivências, inseridas no contexto de maior abrangência do Projeto Anhumas, pretendem contribuir para uma mudança de comportamento da comunidade de beira-rio do médio Anhumas.

Compreendo a fala da moradora local, também é integrante do Projeto Anhumas, que luta incessantemente contra o sistema estabelecido, mas que, num momento de intensa consciência, diz o que lhe sai da alma:

“Beira-rio é terra de ninguém, a terra dos excluídos. O poder público não se manifesta porque é meia dúzia de pessoas. O sonho dessas pessoas e a promessa dos políticos é que tudo vai se transformar em condomínio fechado. O povo sonha com isso por gerações. A cortina de eucaliptos separa essa terra dos excluídos da cidade formal...” (Cássia, 17/05/2003).



Fotografia: Vívian Furquim Scaleante (na foto, Cássia 16/10/2004)

Observação importante sobre a fala da Cássia e a fotografia:

“Após a realização de duas caminhadas de reconhecimento pelas margens do ribeirão das Anhumas, os participantes manifestaram sua opinião a respeito de nosso trabalho conjunto (Projeto Anhumas e comunidades locais da região da rua Moscou). Nesta ata constou o expressivo depoimento da Cássia.” (Relato da pesquisadora Oscarlina Ap. Furquim Scaleante sobre ata lavrada em 17/05/2003).

No dia 16/10/2004, eu atuava como fotógrafa em estudo de campo de alunos da UNICAMP, coordenado pelo Prof. Maurício. Sem antes ter tido conhecimento da ata acima, pois ainda não havia me integrado ao Projeto Anhumas, congelei a imagem da Cássia na favela da rua Moscou diante da mencionada cortina de eucaliptos.

Ao escrever este trabalho, aceitei sugestão da autora da ata para inserir a frase tão cheia de sentimentos da Cássia. E pensei ser interessante ilustrar com uma foto dos eucaliptos. Tentando escolher uma boa imagem do local entre as 2.300 fotografias que colecionei, inesperadamente, flagro a Cássia em primeiro plano na favela da rua Moscou, com a “sua cortina de eucaliptos” na outra margem do rio.

“A mudança de paradigmas requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores”. (Capra, 2000)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Juliana Furlaneto. Okýs Integração Ambiental. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.okysadventure.com/>>. Acesso em: 15 agosto 2005.

CAIADO, Maria Célia Silva et al. Prefeitura Municipal de Campinas, 1995.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eichenberg. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

CEMPRE. Cadernos de Reciclagem 3. Coleta Seletiva nas Escolas. Rio de Janeiro: CEMPRE, 1993.

_____. Cadernos de Reciclagem 6. Compostagem – a outra metade da reciclagem. São Paulo: CEMPRE, 1997.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso futuro comum. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1991.

BROWN, Lester. (org.). Salve o Planeta: qualidade de vida, 1990. Tradução Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Globo, 1990.

BROWN, Lester; FLAVIN, Christopher; FRENCH, Hilary. Estado do mundo 1999. Salvador: UMA Editora, 1999.

LAMA, Dalai. Uma ética para o novo milênio. Tradução Maria Luiza Newlands. 7ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MATURANA, Humberto. A ontologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MENDES, Armando Dias. Envolvimento e desenvolvimento: introdução à simpatia de todas as coisas. In: CAVALCANTI, C. (org.). Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez Editora/Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

MORIN, Edgar. Antropologia da liberdade. Disponível em: <<http://www.geocities.com/pluriversu>> . Acesso em: 09 julho 2005.

MORIN, Edgar. Complexidade e liberdade. Disponível em: <<http://www.geocities.com/pluriversu>> . Acesso em: 25 junho 2005.

MORIN, Edgar. O método 6: ética. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

O'MEARA, Molly. Explorando uma nova visão para as cidades. In: BROWN, Lester; et al. (org.) Estado do Mundo, 1999. Salvador: UMA Editora, 1999.

RANDAZZO, Sal. A criação de mitos na publicidade: como publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso. Tradução Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ROBERTS, Monty. O homem que ouviu cavalos. Tradução Fausto Wolff. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Violência não é a resposta: usando a sabedoria gentil dos cavalos para enriquecer nossas relações em casa e no trabalho. Tradução Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SIMON, Cheryl; DEFRIES, Ruth S. Uma terra, um futuro: o impacto das mudanças ambientais, na atmosfera, terra e água. Trad. Maria Cláudia Santos Ribeiro Ratto. São Paulo: Makron Books, 1992.

TILLMAN, Diane. Atividades com valores para jovens: programa vivendo valores na educação. Tradução Débora Pita. São Paulo: Confluência, 2003.

TORRES, R.B.; COSTA, M.C.; NOGUEIRA, F.P. & PEREZ FILHO, A. (2003) (coords.). Recuperação ambiental, participação e poder público: uma experiência em Campinas. Relatório de pesquisa, processo FAPESP no. 01/02952-1.

WECHSLER, Solange Muglia. Criatividade: descobrindo e encorajando. Campinas: Livro Pleno, 2002.

6. ANEXOS

6.1 PROCESSO DE CONFECÇÃO DAS MAQUETES





6.3 ÉGUA MALTRATADA É SALVA

Teóloga compra égua para salvá-la de espancamento

Leci Assoni não suportou ver o animal sendo maltratado por um rapaz e um menino na Avenida Heitor Penteado e pagou R\$ 200,00 para garantir a vida dela.

Delma **Medeiros** da Agência Anhangüera delma@rac.com.br C. Pop. 25/07/05

O desprendimento e a determinação da teóloga Leci Assoni salvaram a vida de uma égua, no último sábado. Leci seguia pela Avenida Heitor Penteado, em Campinas, quando viu um rapaz e um menino espancando a égua com pedaços de pau. Sensibilizada com a agressão, a teóloga interferiu e acabou comprando o animal para impedir novo espancamento.

Ela conta que, quando viu a agressão, parou o carro e foi falar com os agressores. “Perguntei porque batiam no animal e eles disseram que a égua havia empacado. Mas quando isso acontece é porque o animal está doente ou muito cansado”, disse Leci. Ela então pediu que eles aguardassem um pouco e saiu em busca de um veterinário para examinar o animal. Antes, por precaução, solicitou a duas moças que estavam por perto que cuidassem para que o animal não fosse mais maltratado.

O veterinário ela não localizou, mas encontrou ajuda no pet shop Master Animal. O proprietário da loja doou remédio, ração e recipientes para alimentar a égua, e o integrante da União Protetora dos Animais (UPA) Daniel Lucon Loli se dispôs a acompanhá-la. Leci diz que a decisão de comprar a égua foi um impulso, para impedir novas agressões ao animal. “Ela está muito abatida e maltratada, é uma crueldade”, afirmou. Depois de muito negociar com os rapazes, que pediam R\$ 600,00 pelo animal, Leci conseguiu comprar a égua por R\$ 200,00.

Ficou então o problema do que fazer com o animal. “Não tenho como levá-la pra casa”, disse Leci. Em busca de ajuda, Loli acionou o vereador Feliciano Nahimy Filho (PSDB), que é o presidente da UPA e o grupo se mobilizou para garantir tratamento adequado.

O animal, com vários ferimentos, tinha dificuldade para se manter em pé e estava faminta. Só depois de comer e beber água, ela conseguiu se levantar. Depois de tentar o resgate do animal com o Centro de Controle de Zoonoses, que não atende aos finais de semana, e com a Sociedade Protetora dos Animais, que não faz resgate de animais de grande porte, a égua foi levada para uma área verde em Barão Geraldo. Segundo Feliciano, a UPA já fez contato com alguns sitiantes que se mostraram dispostos a receber o animal. “No início da semana, devemos definir isso. A idéia é deixá-la num pasto para descansar. Dá para perceber que o animal está maltratado e muito cansado”, afirmou o vereador.

Feliciano citou que tem um projeto a ser apresentado na Câmara que normatiza o tratamento a animais de tração. O projeto, que está na assessoria jurídica do Legislativo, prevê que as carroças tenham placas. O carroceiro teria licença para conduzir o veículo, e os animais sejam chipados e tenham dias de descanso e horário certo para circular.

Leci também registrou um boletim de ocorrência e o ex-dono da égua poderá ser autuado por maus-tratos a animais. De acordo com a Lei 9605/98, de proteção ao meio ambiente, a agressão a animais é crime que pode acarretar de um a três anos de detenção, pena aumentada em um terço ou um sexto se o animal vier a morrer em decorrência dos maus-tratos.



Delma **Medeiros**

Da Agência Anhangüera

delma@rac.com.br

Égua salva de espancamento já tem nova casa

C. Pop. 26/07/05

Até o fim desta semana, animal comprado para evitar que continuasse a ser agredido, deve ser levado a acampamento em Serra Negra

A égua que foi salva no sábado pela bacharel em teologia e administradora de imóveis Leci Assoni vai morar numa pequena fazenda em Serra Negra. O destino de Mule, nome dado à égua pelos filhos de Leci, foi definido já no domingo. Durante o culto da Igreja do Nazareno, da qual faz parte, Leci comentou sobre o drama do animal com o administrador de um acampamento para jovens, que prefere não se manifestar, e ele, de imediato, se interessou em levar Mule para o local. “Lá, ela terá bastante espaço e vai conviver com outros animais como cabritos e carneiros”, conta Leci.

Segundo ela, a presença de Mule no acampamento e a história de como ela chegou lá ainda vai servir para introduzir entre as crianças o espírito de respeito pela vida e por todos os seres vivos, sejam eles homens ou animais. O drama de Mule — que foi comprada por Leci por R\$ 200,00 no último sábado para impedir que continuasse sendo espancada com pedaços de paus por um rapaz e um menino na Avenida Heitor Penteado — tem comovido muitas pessoas, que se comunicaram com a reportagem da Agência Anhangüera de Notícias (AAN) dispostas a colaborar, doando ração ou tentando encontrar um lar definitivo.

Maria Regina Coppo Ribeiro Dias, proprietária do haras Rancho do Cavalo, em Sousas, se prontificou a receber o animal e abrigá-lo por tempo indeterminado no haras, se comprometendo, inclusive, a chamar um médico veterinário para examiná-lo. Como o novo lar de Mule já está definido, Maria Regina está utilizando seus contatos para conseguir um caminhão adequado para transportar a égua até a estância turística.

Já a secretária Tatiana Silva Batista fez contato com Leci e ontem mesmo levou um saco de 40 quilos de ração para a égua. “Cheguei a chorar quando li a reportagem. Como alguém pode maltratar desta forma um animal? É inconcebível”, revolta-se. Na tarefa de levar o enorme saco de ração, ela teve a ajuda da mãe, Deise Tartari Batista, que também se sensibilizou com a situação. “A gente tem mesmo que fazer alguma coisa”, observa. “A Tatiana ficou muito comovida com a história e não sossegou enquanto não veio ver como está o animal”, completa Deise.

Além delas, o vereador Feliciano Nahimy Filho (PSDB), eleito por sua bandeira em defesa dos animais, também está empenhado no bem-estar da égua, em contato constante com Leci e tentando viabilizar o transporte do animal. Segundo ele, Mule é um animal jovem, com idade entre 4 e 5 anos. “Pena que esteja tão maltratada. Mas, com pasto e descanso, ela se recupera”, afirma. O veterinário que trabalha com o pet shop Master Saúde, onde Leci buscou ajuda no sábado após ver a cena de agressão, também se prontificou a examinar a égua e receitar algumas vitaminas para o animal se fortalecer.

Depois do sofrimento, Mule agora está bem tranqüila. Apesar de bastante machucada — segundo a administradora, num banho que lhe deram no domingo, foi possível constatar vários ferimentos —, a égua tenta recuperar o período de desnutrição. “Ela está comendo como um cavalo”, brinca Leci.

O animal parece perceber que as pessoas que a rodeiam atualmente não vão lhe fazer mal. É dócil e fica bem quieta para receber carinhos. “Tomei a atitude de comprar a égua num impulso, mas, até por ver a resposta das pessoas, tenho certeza que fiz a coisa certa”, afirma Leci, que afirma que já se apegou tanto ao animal que está com dificuldades para se separar. “Se tivesse como, ficaria com ela em casa.”

Desde sábado, quando foi resgatada dos agressores, Mule está instalada provisoriamente num pensionato em Barão Geraldo, num espaço amplo e gramado, e se alimentando como há muito não fazia. A mudança para Serra Negra deve ocorrer até o fim desta semana.

Correio do leitor

C. Pop. 26/07/05

Salvamento de égua (1)

Graças a Deus ainda existem pessoas como a teóloga Leci Assoni para socorrer uma égua. Fico imaginando quantas pessoas assistiram à terrível e degradante cena no sábado e não fizeram absolutamente nada. Mas, se fosse ao contrário, se a égua estivesse atacando esses reles seres humanos, apareceria um monte de gente para dar um fim trágico ao animal. Os ex-donos deste pobre animal merecem o mesmo tratamento que dispensaram a ela: fome, sede e pancadas. Esse tipo de gente não é digna de viver em sociedade e muito menos de ter um animal. O vereador Feliciano deveria criar um projeto de lei que proibisse o uso de tração animal na cidade, pois só assim seríamos poupados de cenas desumanas.

Daniela Duarte Marinho (bacharel em Direito), Campinas

Salvamento de égua (2)

Quero parabenizar a teóloga Leci Assoni, cujo gesto extremo de compaixão para com a égua tão cruelmente maltratada me comoveu profundamente. Há coisas que, realmente, o dinheiro não compra, mas, quando a serviço de pessoas generosas de coração como ela e tantas outras anônimas, nos proporciona momentos de grande felicidade.



Cecilia Fleury (professora e comerciante), Campinas

C. Pop. 29/07/05

Égua Mule é levada para acampamento

Animal ganhou casa nova após ser salva de espancamento por administradora de imóveis; nova casa fica em Serra Negra

Delma **Medeiros**

Da Agência Anhangüera

delma@rac.com.br

A égua que foi salva de espancamento no último sábado pela administradora de imóveis Leci Assoni foi ontem para seu novo lar, em Serra Negra. A história de Mule, que recebeu este nome dos filhos de Leci, comoveu muitas pessoas, que se mobilizaram para ajudar em sua manutenção, levando ração, remédios e propondo alternativas de destino para o animal.

Mule vai viver agora no acampamento para crianças e adolescentes da Igreja do Nazareno, em Serra Negra. O administrador do acampamento, José Honório de Mira, se prontificou a acolher o animal tão logo soube da história por Leci. “Não pensei duas vezes. Quando ela contou o que aconteceu e falou que precisava de um lugar para a égua, na hora me dispus a abrigá-la”, conta ele.

Honório informa que no acampamento Mule terá 100 mil metros quadrados de terra para passear. Eles também vão providenciar um local próprio para sua espécie. Enquanto isso, a égua ficará num sítio vizinho, que tem criação de cavalos, várias baias e acompanhamento periódico de médicos veterinários.

De vítima de agressões, Mule passa a ser a atração do acampamento. Segundo Mira, eles estão montando um mural com as reportagens publicadas sobre a égua para colocar na entrada do acampamento. “As crianças vão saber da história assim que chegarem e, com certeza, vão querer conhecê-la. Ela vai virar uma estrela”, brinca Mira.

A história de Mule começou no último sábado. Leci seguia pela Avenida Heitor Penteado, em Campinas, quando viu dois rapazes (um adulto e uma criança) espancando a égua com pedaços de pau. Ela parou, questionou os rapazes sobre a agressão e para proteger o animal acabou por comprá-lo dos donos por R\$ 200,00.

Provisoriamente, Mule foi instalada em um pensionato em Barão Geraldo enquanto se montou uma rede de apoio para encontrar um local apropriado para recebê-la. O animal estava visivelmente desnutrido (as costelas saltadas) e mal parava em pé de fraqueza e cansaço. Na nova casa, ela não terá que trabalhar, terá pasto e alimento e será a principal atração entre a garotada.

A mudança da égua para o lar definitivo é comemorada pela família de Leci, mas com uma dose de tristeza. “Me apeguei a ela e a separação dói”, diz Leci. “Mas vou vê-la sempre. Meus filhos freqüentam o acampamento, mas não vão mais de ônibus. Vou fazer questão de levá-los para ver a Mule”, afirma Leci. A compensação é perceber que o carinho é recíproco. Leci diz que sempre que chegava ao pensionato, Mule vinha cheirar sua mão e ficar perto. Ontem, ela foi até Serra Negra acompanhar a instalação do animal e se emocionou na hora de ir embora. “Me despedi dela e quando fui sair ela veio atrás, me seguindo”, afirma.

A solidariedade em torno de Mule se manifestou também na hora de ir para casa. O proprietário da Fazenda Mata da Chuva, em Mogi Mirim, Patrick Nadai, cedeu gratuitamente o caminhão específico para transporte de eqüinos para levá-la até Serra Negra. Ele foi procurado pela reportagem para comentar o gesto solidário, mas não foi localizado na fazenda e não retornou a ligação até o fechamento da edição.

Salvamento de égua

C. Pop. 02/08/05

Qual não foi a minha tristeza e emoção ao abrir a página do jornal e ver aquela senhora acariciando uma égua deitada no chão. A teóloga Leci Assoni é e será uma pessoa abençoada por Deus. Eu não a conheço, mas em todas as minhas orações vou orar por ela e por todos que amam os animais e a natureza. Obrigada, meu Deus, por ter colocado esta mulher no caminho daquele animal.

Cordelia Felisbela Marugri (dona de casa), Campinas

